



## Os conceitos de verdadeiro e falso *self* e suas implicações na prática clínica

Gabriela Bruno Galván  
Maria Lúcia Toledo Moraes Amiralian

**Resumo:** O objetivo deste artigo é refletir sobre os conceitos de verdadeiro e falso *self* e sua manifestação na clínica contemporânea; bem como as possibilidades de intervenção a partir da psicanálise winnicottiana. O conceito de falso *self* proposto por Winnicott é de grande valia para se pensar nos relatos recorrentes de pessoas que procuram análise ao viverem episódios de angústia intensa e esvaziamento do sentido da vida, ao mesmo tempo em que não encontram, seja em seus relacionamentos afetivos, seja em sua vida profissional, nada que justifique este sentimento de irrealidade e vazio. Por meio da discussão de um caso clínico, os conceitos de verdadeiro e falso *self* são articulados com a prática e abrem a reflexão para o papel de espelho do analista, no manejo destes casos.

**Palavras-chave:** Si-mesmo, Winnicott, psicoterapia psicanalítica, estudo de caso.

### The true and false self concepts and its implications on clinical practice

**Abstract:** The objective of this article is to reflect about the concepts of true and false self and their manifestations in contemporary clinic; as well as the possibilities of intervention using Winnicott's psychoanalysis. The false self concept proposed by Winnicott is of great value to think about the recurrent reports of persons that search for analysis after experiencing intense anguish episodes and emptying of the sense of life, and simultaneously they cannot find, neither in their affective relationships nor in their professional lives, anything that could justify such feeling of unreality and emptiness. Through the discussion of a clinic case, the concepts of true and false self are articulated with the practice and open the reflection to the analyst's mirror role in the management of those cases.

**Key words:** Self, Winnicott, psychoanalytic psychotherapy, case study.

### Introdução

A clínica contemporânea apresenta desafios significativos ao analista no que se refere ao diagnóstico e consequente manejo dos casos, principalmente daqueles que adquiriram certa estruturação psíquica refletida em conquistas sociais; como formação acadêmica, exercício profissional eficiente e/ou relacionamentos afetivos mais ou menos satisfatórios. Todavia, esses pacientes procuram análise ao se depararem com vivências de extrema angústia, que parecem descoladas de sua realidade, sendo que além de não conseguirem nomear estes estados e dar-lhes significado próprio, vivenciam a sensação de uma não compreensão de si, um não saber, uma ausência de sentido de si mesmo.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre essa angústia que se apresenta ao indivíduo a despeito de sua vida estar aparentemente correndo de forma "satisfatória" e dentro do esperado pelo meio que o cerca e até por ele próprio. Alguns casos clínicos suscitaram essa reflexão, por terem como eixo comum a queixa de uma ausência de sentido para os sofrimentos vividos. Em algum momento de suas vidas, essas pessoas

foram surpreendidas por certa perplexidade diante de sentimentos como angústia, tristeza e vazio. Procuraram análise, porém convencidas que seu sofrimento era descabido diante de sua realidade: ou seja, avaliavam a sua existência a partir de parâmetros externos e, sob esse olhar, não encontravam uma coerência entre o que pensavam que deveriam sentir e aquilo que realmente sentiam. A possibilidade de se perceber tendo necessidades e vontades que não estavam de acordo com o que consideravam correto, normal, geral e esperado era algo assustador e ameaçador.

Para refletir sobre essa vivência, recorro à teoria do amadurecimento de Winnicott, que permite alcançar uma compreensão profunda acerca dessa questão. Olhando a partir desse referencial teórico, é importante destacar um princípio básico: para que possa se constituir como um indivíduo, o ser humano conta com um potencial inato em direção ao amadurecimento, que necessita de um ambiente facilitador para se realizar. Este potencial herdado é o que Winnicott (1983) vai chamar de *self* central ou verdadeiro.

Bollas (1992) destaca dois aspectos fundamentais do verdadeiro *self*. Um deles diz respeito à questão do verdadeiro *self* como potencial herdado e o outro à importância da experiência como possibilidade de existência. Aqui, o que se quer frisar é o fato de que em se tratando de um **potencial**, o verdadeiro *self* não tem forma ou significado a priori, não está estabelecido ao nascimento, no sentido que não é estático; ele “encontra sua expressão nos atos espontâneos” (Bollas, 1992, p.20). A importância da experiência na constituição do verdadeiro *self* decorre justamente deste aspecto potencial apontado acima. É por meio da experiência e, necessariamente da experiência vivida na relação com um outro, que podemos entrar em contato com o verdadeiro *self*. Ou seja, é por meio da experiência que o potencial herdado ganha contorno e pode emergir.

*Se devemos estabelecer uma teoria para o self verdadeiro, acho que é importante enfatizar como esse self-essência é a presença singular do ser que cada um de nós é; o idioma da nossa personalidade (...). No entanto, o idioma da pessoa não é um texto escondido e enfiado na biblioteca do inconsciente, esperando por sua divulgação através da palavra. É mais um conjunto de possibilidades pessoais únicas, específicas desse indivíduo e sujeitas, em suas articulações à natureza da experiência vivida no mundo real. (Bollas, 1992, p.21-22).*

Safra (2005) acrescenta que o *self* central é o potencial herdado que “é experienciado como uma continuidade de ser, e que adquire em seu próprio modo e em sua própria velocidade uma realidade psíquica e esquema corporal pessoais” (p.41). Para este autor, o que um ser humano pode ser capaz de conhecer de verdade é aquilo que ele é capaz de criar; no sentido de conceber subjetivamente o mundo e ter a vivência de criá-lo, sem que a externalidade se imponha precoce e invasivamente.

O *self* verdadeiro necessita à sua maneira e em seu tempo, a partir do contato com o ambiente facilitador, adquirir uma realidade psíquica pessoal que lhe permita sentir-se real, sentir que o mundo é real e experimentar a continuidade de sua existência. “O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e sentir-se real” (Winnicott, 1983, p.135)

Para que seja possível a expressão do verdadeiro *self* é necessário que algumas condições tenham sido garantidas desde o início do desenvolvimento. Safra (2005)

descreve esse início em termos do encontro do corpo do bebê com o corpo materno: “as experiências organizam-se em formas sensoriais: de sons, de calor, de tato, de ritmos, de motilidade, entre outras. Estes inúmeros registros são presenças de vida, de ser. São fenômenos em que a presença da mãe é o *self* da criança” (p.78). Por meio da elaboração imaginativa das funções do corpo, em contato com um outro, o corpo vai se tornando soma, “corpo psíquico”. Nesse momento do desenvolvimento não há diferenciação mãe-bebê, do ponto de vista do bebê; é o momento da dependência absoluta, onde a mãe-ambiente necessita fornecer as condições básicas de sustentação que permitam a realização paulatina e ininterrupta do vir-a-ser do bebê.

Dessa forma, o papel do ambiente no momento inicial de dependência absoluta é a adaptação sensível e total às necessidades do bebê. A mãe suficientemente boa permite que o bebê crie o mundo e viva a ilusão de onipotência. Assim, o *self* verdadeiro pode se manifestar na medida em que não há ameaças à sua continuidade.

No estágio da dependência absoluta, o bebê nada sabe do mundo exterior, relaciona-se com um objeto subjetivamente concebido, experiência que lhe permite construir a base de confiança inicial para caminhar rumo à integração e à separação eu – não eu. Esta separação pode acontecer na medida em que há a aquisição da capacidade de relação com um objeto objetivamente percebido. Se acontecer um surgimento precoce, no sentido de anterior à prontidão do bebê, do objeto objetivamente percebido, “o bebê terá um desenvolvimento egoico ‘prematureo’, em detrimento de seu sentimento de *self*” (Outeiral, 2001, p.86).

Khan (1984) acredita que de todo indivíduo tem o senso da totalidade de seu *self* e “que esta experiência de *self* pode ficar deslocada ou oculta, ou pode até deixar de personalizar-se, caso o cuidado ambiental na infância não favoreça a sua adaptação” (p.367).

Pensando em um desenvolvimento saudável, por meio da existência corporal e da elaboração imaginativa das funções corpóreas, o bebê caminha no sentido da integração no tempo e no espaço, descobre o mundo e, ao mesmo tempo, realiza o alojamento da psique no corpo. Dessa forma o indivíduo se desenvolve a partir do centro e “o contato com o ambiente é uma experiência do indivíduo (em seu estado de ego-id indiferenciados, a princípio)” (Winnicott, 2000, p.297).

Como contraponto, temos uma forma encontro bebê-ambiente, onde não há adequação ao movimento do bebê; o que caracteriza a intrusão do ambiente e, no lugar da vivência de experiências individuais, temos reações à intrusão. Isso pode gerar uma forma de existência onde um padrão externo marque a individualidade do ser, e o que ocorre é uma constante adaptação a esse padrão: “A mãe implementa no sentido de realizar o gesto do bebê através de sua própria resposta. Se ela é incapaz de responder a ele através da identificação, ele deve compulsivamente se submeter para poder sobreviver” (Phillips, 2006, p.190). Podemos dizer que o indivíduo que não pode ser, reage.

As falhas de maternagem em um momento primitivo do amadurecimento prejudicam o indivíduo justamente em seu sentimento de ser, na constituição de um si mesmo que se reconheça como tal. O falso *self* surge no contato com uma mãe “incapaz de reconhecer, autenticar e confirmar a singularidade ímpar de seu bebê, obrigando-o a se submeter e acomodar às insuficiências dela” (Doin, 2001, p.225). Diante da falha ambiental, o falso *self* se constitui como uma tentativa de substituição da função materna que falhou, na

busca de proteger o verdadeiro *self* e dar-lhe condições para se desenvolver: “trata-se (o falso *self*) de uma forma primitiva de auto-suficiência na ausência do cuidado. Ele começa a emergir, em sua forma mais severa, na infância” (Phillips, 2006, p.190)

Podemos, então, entender o falso *self* como uma defesa que oculta e protege o verdadeiro *self*. Na medida em que o verdadeiro *self* é a fonte dos impulsos pessoais (Winnicott, 1994, p.36), a existência por meio de um falso *self* torna a vida esvaziada de sentido e permeada por um senso de irrealidade e de que a vida não vale a pena.

Mello Filho (2001) aponta a necessidade das pessoas com predominância de defesa do tipo falso *self*, de esconder e negar a sua realidade interna, na medida em que a perda ou o abandono, ainda que parcial, do falso *self*, desperta temores de perda de limites, desintegração, aniquilação. Assim, a vivência de irrealidade também decorre do fato destes indivíduos experimentarem sentimentos e impulsos não condizentes com a idealização mental estruturada e mantida à custa de uma inibição mais ou menos rígida de sua espontaneidade e criatividade.

*A mente é a principal morada do falso self, disse-nos muitas vezes Winnicott, contrastando-o com o verdadeiro self, relacionado aos processos fisiológicos básicos, principalmente ao funcionamento do coração e à respiração. Assim, a intelectualização é uma das expressões mais frequentes de indivíduos falso self, que pretendem, com uma hipertrofia de seus aspectos intelectuais, encobrir tudo aquilo que é mais genuinamente humano, instintivo, vital. (Mello Filho, 2001, p.151).*

Winnicott postula diversos níveis de falso *self*, considerando desde uma atitude social, não patológica, no sentido da renúncia à onipotência e garantia do convívio social – presente na saúde – até o falso *self* que se implanta como real, em total submissão, onde o *self* verdadeiro permanece oculto, o que implica na ausência do que poderíamos chamar de gesto espontâneo. No grau extremo existe um sentimento de vazio, de que a vida não vale a pena, que não há razão para viver; nos graus menos extremos Winnicott (1990) aponta para uma organização secundária cindida, ou seja, uma possível regressão diante de dificuldades encontradas num estágio posterior do desenvolvimento, o que nos faria supor algum grau de sucesso na estruturação inicial primitiva. Esta diferenciação traz consequências no trabalho clínico, em termos de diagnóstico e intervenção.

### **A história de Júlia<sup>1</sup>**

Júlia procurou análise aos 22 anos. Filha única, morava com a mãe e a avó. Não tinha contato com seu pai havia alguns anos, trabalhava como funcionária pública, em uma área administrativa que não era relacionada à sua profissão. Havia iniciado nesse emprego antes de terminar a faculdade e permanecia nele, apesar de sentir-se bastante insatisfeita. O que mais chamava a atenção nela era a sua luta interna constante, entre dar voz às suas angústias e, em seguida, esvaziá-las: “Eu fiquei muito angustiada esta semana, sai do trabalho, fui para casa com muita vontade de chorar e chorei muito. É o

<sup>1</sup> O nome da paciente, bem como alguns dados de sua história foram modificados como forma de evitar sua identificação e proteger sua privacidade

fim! Não tenho motivos para ficar assim, não tenho nenhuma desgraça na minha vida, não nasci na favela, nunca fui maltratada, não me falta nada em casa, ficar desse jeito é coisa de quem não tem o que fazer”. Júlia não entendia como podia sentir (ser), sem necessariamente *reagir*.

Ao mesmo tempo, por meio da elaboração intelectual, ela tentava dar algum contorno para aquilo que se apresentava como angústia e insatisfação. Porém, uma vez que a sua fala ficava descolada de sua vivência, não produzia nenhum alívio para sua dor, apenas a frustração de não conseguir controlar seus sentimentos e vivências.

*Um risco particular se origina da não rara ligação entre abordagem intelectual e o falso self. Quando um falso self se torna organizado em um indivíduo que tem um grande potencial intelectual, há uma forte tendência para a mente se tornar o lugar do falso self, e neste caso se desenvolve uma dissociação entre a atividade intelectual e a existência psicossomática (Winnicott, 1983, p.132).*

Júlia passou alguns meses neste ritmo. Havia uma ausência de si e de uma história que sentisse como verdadeira e significativa a ponto de merecer a sua dor e seu sofrimento. Sentia seu passado de tal forma vazio que pouco falava dele e quando o fazia era sem afeto, como quem conta uma história que não lhe diz respeito. Ao mesmo tempo necessitava afastar qualquer proximidade comigo, sendo que era difícil até mesmo entrar em seu discurso de perguntas e respostas que, aparentemente, prescindiam de um outro. As minhas intervenções eram frequentemente seguidas de um: “E o que vou fazer com isso, isso não é importante.” Neste momento da relação, sentia-me num lugar inóspito, sabia que ainda não estava em contato direto com a Júlia e que, para que isso acontecesse, necessitava poder estar com ela da forma como se apresentava, sem intervenções ou interpretações que pudessem ser sentidas como invasivas.

A sua primeira aproximação foi por meio de um pedido. Em uma determinada sessão me disse que tinha muito medo de não conseguir saber se a análise a estava de fato ajudando, tinha medo de continuar porque de alguma forma eu a induzia à isso, mesmo que não fosse o melhor para ela. O que ela pedia era alguma coisa muito primitiva em termos de relação – que eu fosse confiável, no sentido de não invadi-la, não impor o meu gesto. O seu receio era que eu não fosse confiável no sentido de ser alguém que poderia lhe oferecer algo que não fosse por ela concebido; que não fosse de encontro à sua necessidade. Temia novamente ser invadida por algo externo. Júlia queria saber se podia estar comigo ou se eu me impor a ponto dela não mais saber se a necessidade atendida na relação terapêutica seria a minha ou a dela. Seria possível ser, comigo, ou novamente se submeteria?

A possibilidade de confiar é uma premissa indispensável para uma entrega, para estar com um outro que não seja ameaçador e não iniba o próprio gesto. Dias (1999) aponta que, em Winnicott, a confiabilidade é a característica central do ambiente facilitador e está diretamente relacionada à dependência, cujo protótipo é o estado de dependência absoluta do bebê com relação à mãe no início da vida. Ainda segundo a autora, no estágio inicial do desenvolvimento, confiabilidade significa que a mãe cuida para que o bebê tenha preservada a sua continuidade de ser, mantendo-o na área de ilusão de onipotência, onde o mundo se apresenta conforme é concebido subjetivamente. Assim, o bebê durante o tempo necessário vive a ilusão de criar o mundo por meio de seu gesto e de manter sobre

ele um controle mágico. Na falta desta experiência o bebê não alcança a confiança na realidade de si-mesmo, pois o mundo apresentou-se como uma realidade externa muito precocemente e de forma invasiva.

Júlia, após se reassegurar que eu não iria me impor a ela – mas que eu poderia estar com ela e vê-la a partir de suas próprias necessidades – começou a permitir que eu estivesse mais presente nas sessões, rompendo gradativamente o seu esquema de falas seguidas de autocríticas. Passou a falar mais frequentemente da relação com sua mãe. A princípio dizia que sua mãe não interferia em suas escolhas, não se sentia pressionada por ela; o seu relato era sempre baseado em sua admiração pela mãe e em um profundo sentimento de gratidão, que mais tarde foi se configurando como um intenso sentimento de dívida com essa mulher que havia dedicado sua vida a cuidar da filha: “Minha mãe não me exige nada, ela só quer que eu seja feliz”.

Ao mesmo tempo ao olhar para suas próprias escolhas, começou a perceber que seguia literalmente os caminhos trilhados por sua mãe. Prestou o concurso público por iniciativa de sua mãe e passou a exercer a mesma função que sua mãe havia exercido durante muitos anos. Tinha o desejo de deixar este emprego e dedicar-se às artes plásticas, porém tinha muito medo de se decepcionar e também sentir-se insatisfeita nesse novo trabalho. Seguir os passos da mãe era uma maneira de viver a partir do falso *self*, como Winnicott (1983) aponta, ao mostrar que o falso *self* se submete ao ambiente como forma de proteger o verdadeiro *self* e isso se inicia nas primeiras etapas do amadurecimento.

*Através deste falso self o lactente constrói um conjunto de relacionamentos falsos, e por meio de introjeções pode chegar até uma aparência de ser real, de modo que a criança pode crescer se tornando exatamente como a mãe, ama-seca, tia, irmão ou quem quer que no momento domine o cenário (Winnicott, 1983, p.134).*

Vivia intensamente a sensação de não se sentir real, sentia-se uma eterna farsa, a ser descoberta – por ela mesma e pelos outros – a cada momento, a cada escolha que se mostrasse insatisfatória. Em cada desejo que surgia, para cada escolha que se apresentava, retornava a dúvida de quanto isto seria verdadeiro, se seria algo genuinamente seu ou uma ilusão, que se esvairia – por não ser real – assim que fosse concretizada.

Com relação a seu pai, dizia não sentir sua falta, pois nunca esteve ao seu lado. No início avaliava a relação de seus pais de forma bastante racional, segundo ela, não tinham ficados juntos porque não se davam bem, seu pai era muito assediado pelas mulheres e sua mãe não confiava nele.

Júlia percebia, aos poucos, que estava bastante insatisfeita com sua vida. De forma geral, o seu trabalho era desgastante e o que a mantinha nele era uma sensação de segurança que temia abandonar. Começou a questionar esta necessidade de segurança e, ao reconstruir a história de sua família, percebeu-se repetindo medos e inquietações de sua avó e de sua mãe, que pouco tinham arriscado diante do medo, por exemplo, de perder o emprego e não conseguir outro. Seu namoro, que já havia sido mais intenso e era uma das poucas experiências afetivas significativas que ela sentia como real – onde ela se sentiu de fato presente – estava tornando-se uma relação distante que ela também temia perder. A necessidade de segurança, o medo de perder e, principalmente o medo de não ser nada ao não ser aquilo que se esperava dela, passaram a ser um tema frequente nas sessões.

Enquanto se percebia com muita necessidade de romper com sua realidade atual e de ir à busca de algo que fizesse mais sentido e com muitas dúvidas a respeito da possibilidade de encontrar sentido em alguma coisa, ela foi revendo a sua mãe internamente. Percebia que sua mãe não havia conseguido separar-se de sua própria mãe, avó de Júlia e que a opção por não casar com seu pai não fora propriamente uma escolha, mas uma impossibilidade de rompimento com essa relação inicial.

Sabia exatamente o que sua mãe pensaria de cada uma de suas atitudes, de seus desejos, de suas escolhas e lutava constantemente contra a angústia de frustrá-la, e contra o medo de destruí-la ao fazer suas próprias escolhas e diferenciar-se dela. Sua mãe era aquela que a queria feliz, porém tinha um ideal de felicidade diferente daquele que Júlia descobria para si mesma. Aos poucos ela conseguia abrir espaço para a expressão de seu verdadeiro *self*.

Em uma sessão, um ano após o início da análise, ela conta que tinha ficado muito angustiada em seu trabalho e que tinha procurado uma pessoa que era médium, e que esta pessoa havia visto que tinha um espírito muito pesado que a acompanhava, o que a deixava muitas vezes triste e deprimida. Conta que essa pessoa rezou e tirou este espírito de perto dela. Depois disso sentia-se muito melhor, estava feliz e impressionada com o que havia acontecido. Trouxe este relato para a sessão dizendo que para ela este episódio tinha um sentido profundo e, ao mesmo tempo, que tinha receio do que eu pensaria sobre isto. Temia que eu achasse tudo isso uma bobagem e que, a partir desta avaliação pudesse destruir o sentimento de tranquilidade que estava dentro dela naquele momento. Eu lhe disse que percebia a importância do que havia vivenciado e do alívio que estava sentido. Sem críticas, sem questionamentos, sem interpretações.

Júlia se permitia dar um significado próprio a uma experiência vivida, mesmo imaginando que não seria o mesmo significado que eu poderia dar a partir do meu papel de analista/mãe. Ela arriscava existir a partir de si mesma e, ao mesmo tempo me testava enquanto ambiente, para saber se a possibilidade dela não ser aquilo que eu supostamente esperava dela me destruiria ou se eu sobreviveria. Sobreviver aqui significava não interpretar o seu sentimento de alívio – obtido por meio do encontro com a médium – de forma a atingir em sua veracidade e intensidade a sua vivência. Cabia a mim, como analista, mostrar-lhe que eu continuaria igualmente presente e confiável, de forma que ela poderia ser ela mesma, diferente de mim.

Depois desta sessão, ela procurou o pai, que não via desde que tinha 10 anos e que se mostrou muito receptivo à sua iniciativa. Nesse momento ela conseguiu olhar para sua relação com o pai de forma descolada do olhar da mãe. A distância entre ela e seu pai havia sido inaugurada no início de sua vida pela sua mãe, que temia que o pai – pelo seu jeito de ser – frustrasse a filha com uma presença intermitente. Ao voltar a se aproximar do pai, Júlia não temia mais ser frustrada por ele, nem frustrar sua mãe. Nesse mesmo período conheceu um rapaz com quem se envolveu, o que a levou a terminar seu namoro, não sem muitas dúvidas e intenso sentimento de culpa pela troca de namorado e pela desaprovção que isto causaria em sua família.

Pouco tempo após este episódio, ela parou a análise. Penso que a análise permitiu que ela entrasse em contato e deixasse emergir aspectos de seu verdadeiro *self*, até então protegidos por um falso *self* construído à imagem e semelhança da mãe e que isto foi possível na medida em que pude exercer o papel de espelho, de forma que ela pudesse se ver, abrindo espaço para uma existência com sentido próprio.

*O vislumbre do bebê e da criança vendo o eu (self) no rosto da mãe e, posteriormente, num espelho, proporcionam um modo de olhar a análise e tarefa psicoterapêutica. Psicoterapia (...) é um derivado complexo do rosto que reflete o que há para ser visto. Essa é a forma pela qual me apraz pensar em meu trabalho, tendo em mente que, se o fizer suficientemente bem, o paciente descobrirá seu próprio eu (self) e será capaz de existir e sentir-se real. Sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (self) para o qual retirar-se, para relaxamento (Winnicott, 1971, p.161).*

Em alguns momentos, transferencialmente eu ocupava o lugar de mãe que desejava e esperava atitudes dela às quais ela temia não corresponder. Ao longo do tempo, passei a ocupar o lugar da mãe suficientemente boa que permitia que ela pudesse encontrar seu caminho, porque sobrevivia à separação. Nesse sentido parar a análise pode ser compreendido como a possibilidade de vivenciar novas situações e relações a partir de outro padrão. Júlia manteve-se em contato comigo, me mandava notícias de sua vida, às vezes do aspecto profissional – havia se desligado do emprego anterior e estava trabalhando como autônoma – outras vezes de viagens e passeios que fazia e nos quais sentia que estava vivendo “coisas boas”.

A análise de Júlia mostrou claramente que a tarefa do analista diante de pacientes com predomínio de defesas do tipo falso *self* não é uma tarefa simples. Facilitar e reconhecer a expressão do verdadeiro *self* do paciente demanda mais do que interpretações e muitas vezes pode ser uma tarefa realizada também fora do âmbito da análise. Uma questão importante é de que forma é possível se constituir como um ambiente confiável, que permita ao indivíduo que procura ajuda criar o mundo a partir de seu gesto. Como aparece e como se reconhece esse gesto na clínica, na relação analítica e, mais amplamente na vida relacional de uma pessoa? Aqui penso que é importante voltar à questão da experiência, apontada no início como fundamental para o estabelecimento de verdadeiro *self*. Diz Safra (2005): “O ser humano precisa apropriar-se do espaço no mundo. A dimensão criativa do ser humano, que se constitui no gesto, dá ao indivíduo a possibilidade de tomar o espaço como elemento participativo de seu self” (p.94).

Winnicott mostra que é da ilusão, vivida inicialmente como a onipotência de criar o mundo, que surgem os fenômenos transicionais e o espaço potencial: “Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais” (Winnicott, 1971, p.76). Para Safra (2005) é no espaço potencial que o paciente pode continuar desenvolvendo e enriquecendo o seu *self*. Daí a importância dada por Winnicott para a criatividade e para as manifestações culturais como possibilidades de existência na experiência. É no espaço potencial que se dá o entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva; é a área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada (Winnicott, 1971, p.93). A criação do espaço potencial não se limita, portanto, há um setting específico, como o clínico terapêutico. Há outras possibilidades de encontro, que vão além da relação inicial mãe-bebê, do brincar infantil e da clínica psicanalítica.

No caso de Júlia, é possível que ela não tenha tido oportunidade de se encontrar no olhar da mãe; que este olhar tenha refletido a própria mãe – suas angústias e inseguranças; sua impossibilidade de se separar de seus próprios pais; seu medo de



ser abandonada e frustrada pelo pai de Júlia, que a impediu de levar adiante este relacionamento e a conduziu à decisão de afastá-lo da filha para protegê-la, nos mesmos moldes que se protegeu.

O encontro terapêutico configurou-se como o espaço potencial onde Júlia pôde começar a experienciar a criação do seu mundo a partir de dentro. Desta forma, pôde começar a se ver, havendo condições para emergir o verdadeiro *self* como uma forma autêntica de ser, experimentar e estar no mundo. O que se transformou em Júlia, não foi necessariamente o que se expressou em atitudes concretas – a mudança de emprego ou a procura pelo pai – mas foi o reconhecimento de algumas vivências como internas, com sentido próprio.

Dessa forma, o existir ganha outro status: passa a fazer parte da dimensão do real, o indivíduo passa a sentir-se e também sentir o mundo como algo real, um lugar no qual é possível estar de verdade e com o qual é possível se relacionar, no sentido de ser tocado e também de tocar, ser presença e realizar, de alguma forma, seu gesto.

### Referências

- Bollas, C. (1992). *Forças do destino. Psicanálise e idioma humano*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Dias, E. O. (1999). Sobre a confiabilidade: decorrências para a prática clínica. *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*, 1(2), 283-322.
- Doin, C. (2001). Espelho e pessoa. Em: J. Mello Filho (Org.), *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott* (pp.197-232). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Khan, M. M. R. (1984). *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Mello Filho, J. (2001). *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Outeiral, J. (2001). O olhar e o espelho. Em: J. Outeiral, S. Hisada & R. Gabriades (Orgs.), *Winnicott seminários paulistas* (pp.79-88). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Phillips, A. (2006). *Winnicott*. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras.
- Safra, G. (2005). *A face estética do self. Teoria e Clínica*. Aparecida: Ideias & Letras: São Paulo: Unimarco Editora.
- Winnicott, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Winnicott, D. W. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed.

---

Recebido em janeiro de 2008

Aceito em maio de 2009

**Gabriela Bruno Galván** – Psicóloga, Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP); Doutoranda do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

**Maria Lúcia Toledo Moraes Amiralian** – Doutora em Psicologia Clínica (USP); Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

**Endereço para contato:** gabrielagalvan@terra.com.br